

**CARTA CIRCULAR
DE ANÚNCIO DO
XXV CAPÍTULO GERAL**

Roma 2014

UM EVENTO IMPORTANTE NA VIDA DA CONGREGAÇÃO

1. Um Capítulo Geral suscita sempre expectativas, reações e ressonâncias diversas nos membros de uma Congregação. Isso depende de muitos fatores. Há Claretianos que viverão, pela primeira vez, este acontecimento congregacional, com aquele entusiasmo que caracteriza os que têm os olhos postos no futuro, projetando nele os seus sonhos missionários. Outros irão repetir a sua presença no processo capitular de uma história congregacional, de que foram protagonistas durante muitos anos. Como vão sintonizar, uns e outros, com o momento atual da Congregação e com as novas propostas que brotarão do discernimento capitular?
2. O contexto social e cultural em que cada um vive influirá também, de forma significativa, nas expectativas do Capítulo e na forma de encarar a temática que vai ser debatida. O mesmo se pode dizer, a respeito do contexto eclesial em que cada um ou cada comunidade vive. Serão diferentes as expectativas dos que vivem cingidos a um modelo de igreja debruçada sobre si mesma ou que cultiva a nostalgia de um “passado que acham melhor”, e as dos que procuram novos modelos eclesiais, dispostos a deixar-se interrogar pelas situações do mundo atual e a exprimir, com novos símbolos e novas linguagens, o anúncio do Evangelho.
3. O grau de assimilação do património carismático da Congregação ajudará ou dificultará a participação no

processo de discernimento congregacional, que é, afinal, o Capítulo. Sem uma profunda identidade missionária claretiana e um forte sentido de pertença congregacional, será muito difícil compreender e aceitar as decisões que resultem do itinerário capitular. Para os que vivem sem entusiasmo a sua vocação claretiana, as tomadas de posição capitulares ficarão reduzidas simplesmente a um documento mais, e não afetarão as suas vidas nem porão em questão as suas ideias e formas de trabalhar. Pelo contrário, quanto mais consistente for a adesão ao projeto de vida missionária claretiana e mais sólido se tornar o conhecimento e a assimilação do património carismático da Congregação, mais esperança e empenhamento despertará a caminhada capitular.

4. Devemos perguntar-nos: com que disposição dou eu início ao itinerário capitular? Que espero deste XXV Capítulo Geral, para além da eleição de um novo governo geral para toda a Congregação? Qual a origem das minhas expectativas? O que provoca os meus eventuais medos e preocupações? As minhas esperanças pautam-se pela escala de valores da vida missionária claretiana? São verdadeiramente eco de uma preocupação missionária? Todos devemos fazer-nos estas perguntas e tentar dar-lhes resposta, numa atitude de profunda sinceridade. É disso certamente que vai depender, em grande parte, o êxito deste acontecimento congregacional.
5. Um Capítulo Geral é um momento ímpar na vida de um Instituto. Não se limita simplesmente a um

exercício de democracia, tal como o entendemos no quadro da vida política. Trata-se de um caminho de discernimento religioso, que se esforça por descobrir a vontade de Deus acerca da nossa Congregação e de cada um dos seus membros. Não se participa no Capítulo Geral para fazer aprovar uma agenda que assegure ou favoreça interesses que nada têm a ver com o nosso projeto de vida missionária, nem mesmo para promover candidatos a certos cargos institucionais. Vai-se levar-se a cabo um ato de discernimento religioso, em que os únicos “interesses” em questão são os do Reino de Deus, para cujo serviço estamos chamados a colaborar, através do carisma missionário que recebemos. Um Capítulo exige uma grande abertura ao Espírito do Senhor, a única pessoa divina que nos faz discernir com verdadeira liberdade de espírito.

OBJETIVOS DE UM CAPÍTULO GERAL

6. Neste ponto, repito o que já escrevi na Carta circular, que serviu de anúncio ao anterior Capítulo Geral, e que recordei, de novo, aos Superiores Maiores da Congregação, no encontro realizado em Vic, no passado mês de janeiro. Não há que inventar nada de novo, porque as Constituições são muito claras neste ponto.
7. **As Constituições** fornecem-nos indicações precisas sobre a natureza e os objetivos do Capítulo (cf. CC 153-155). Elas devem ser o nosso primordial ponto de referência.

8. Dizem-nos, antes de mais, que *o Capítulo está ao serviço do carisma*. É uma observação óbvia, mas de suma importância. É um princípio que nos situa numa perspectiva de fé, porque nos convida a entrar em diálogo atento com o Senhor, que nos chamou e nos continua a chamar, através de múltiplas mediações. A referência à Palavra de Deus que nos convoca, a memória do Fundador que foi o instrumento da Providência para dar corpo a este carisma com que Deus quis agraciar a sua Igreja, e o caminho que a Congregação palmilhou para o reler ao longo da sua história, são aspetos fundamentais a ter em conta. Manter vivo o carisma, procurar que continue a ser fonte de vida para quantos o receberam, verificar como deve continuar a fecundar a vida da Igreja e a prestar um serviço relevante à humanidade, são as tarefas específicas de um Capítulo. A nossa razão de ser na Igreja e no mundo reside, precisamente, neste carisma. Ao seu serviço deve estar, pois, o Capítulo Geral.
9. As Constituições definem o *Capítulo como “expressão da comunhão de vida e missão de todo o Instituto”*. A nossa Congregação nasceu como comunidade missionária. Só será fiel à inspiração original, se continuar a existir como “comunidade missionária”. O Capítulo tem de saber exprimir e promover esta comunhão, que nos faz sentir a todos irmãos, e, simultaneamente, consolidar o seu cariz missionário. Devemos aprender a escutar-nos mutuamente. Temos de nos deixar questionar pelas preocupações e propostas que nascerão das diversas comunidades claretianas, que partilham o calor da vida com os demais seres

humanos. É importante que saibamos ajudar-nos, uns aos outros, a ler estas situações, em chave missionária, e a encontrar uma resposta para elas que, respeitando a diversidade, seja fiel ao carisma claretiano. A nossa comunidade tem sido enriquecida, nestes últimos tempos, com a presença de irmãos, procedentes de contextos culturais muito diversos. Construir a comunhão constitui uma tarefa apaixonante, mas que pressupõe uma verdadeira ascese, por parte de cada um. O grande desafio que enfrentamos agora é a tarefa de delinear um caminho que nos ajude a consolidar a comunhão e a definir melhor os tópicos que possam garantir a fidelidade ao carisma missionário claretiano dos nossos projetos pastorais e das nossas atividades, através das quais os mesmos se implementam.

10. As Constituições indicam-nos também que *o Capítulo é um momento muito importante para avaliar a vida da Congregação*. É preciso verificar como estamos a assumir o projeto de vida missionária que as mesmas Constituições nos propõem, e a forma como o conseguimos plasmar na nossa espiritualidade, nas nossas relações comunitárias, nos programas formativos, nas iniciativas pastorais, nas estruturas de governo e no funcionamento da nossa economia. Teremos que recorrer também ao discernimento, que fizemos há seis anos, sobre a nossa vida e missão, e verificar se fomos capazes de pôr em prática as prioridades que nos propusemos. Deixámo-las expressas no documento “*Homens que ardem em caridade*”, que orientou todas as nossas programações, durante estes últimos anos. Não podemos colocar de lado estas duas referências fun-

damentais, se quisermos continuar a crescer carismáticamente.

11. É-nos recordado também que “*o Capítulo aplica à Congregação a doutrina da Igreja sobre a vida religiosa e o apostolado*”. Vivemos o nosso carisma, em comunhão com toda a Igreja e, através dele, queremos enriquecer o seu património espiritual e dinamizar a sua projeção missionária. Deve acompanhar-nos, na reflexão destes dias, a consciência da comunhão eclesial. Temos que escutar a voz da Igreja Universal e das Igrejas particulares, e permanecer deveras atentos aos novos horizontes que nos assinalam. A adesão cordial à Igreja foi uma das características mais vincadas no nosso Padre Fundador. Sabemos que a vida consagrada tem uma missão profética dentro da Igreja, e que manter a fidelidade à mesma constitui um requisito essencial da vocação que recebemos. Não ignoramos também que a comunhão eclesial se constrói com o empenho e o contributo de todos, e que se revela como um sinal visível da presença do Senhor, que acompanha o caminhar da humanidade.
12. O Capítulo, continuam a assinalar as Constituições, “*exerce o poder de magistério quanto ao património espiritual da Congregação*”. Relê, nos novos contextos históricos e culturais, o carisma e “*promulga os decretos e disposições*” que julga necessários para manter o vigor da vida missionária. Só a partir de um profundo conhecimento da nossa própria Tradição seremos capazes de fornecer expressões novas à nossa herança carismática, de modo que a nossa presença

e o nosso trabalho pastoral sejam verdadeiramente significativos para a Igreja e para o mundo de hoje. A celebração do Capítulo Geral deverá ajudar-nos a todos a fortalecer o sentido de pertença à comunidade congregacional e a tomar uma aguda consciência da sua história e do seu esforço por ser fiel ao carisma recebido nos diversos tempos e lugares. A caminhada para o Capítulo compromete-nos a descobrir o modo como dar hoje expressão a um carisma que, para manter a sua vitalidade, tem de ser profundamente fiel à sua fonte e saber dialogar com as situações concretas da humanidade, em cada momento histórico.

13. Finalmente o Capítulo *elege o “Superior Geral e os seus Conselheiros”*, para que confirmem os seus irmãos na vocação e animem a Congregação a prosseguir na rota assinalada.
14. Estes são os objetivos de um Capítulo Geral. Temos de os ter todos em conta, pois todos estamos chamados a participar ativamente no itinerário capitular. Muito mais presentes os deverão interiorizar os que venham a fazer parte da comunidade capitular, que se irá reunir em Roma, a partir do dia 24 de agosto do próximo ano de 2015.

O CONTEXTO DO XXV CAPÍTULO GERAL

15. Um segundo aspeto, que pretendo sublinhar, é a importância do contexto em que se realiza o Capítulo Geral. Este vai celebrar-se num momento histórico

específico, e esta circunstância não é indiferente. A situação do nosso mundo, o momento eclesial que estamos a viver, os traços que caracterizam hoje a nossa Congregação, interrogam-nos e exigem de nós um sério esforço de reflexão. Só a partir daí, será possível situar a nossa vida e missão, dentro da história da salvação. As Constituições, quando definem a nossa missão na Igreja, recordam-nos as palavras da *Gaudium et Spes* e dizem-nos: “Partilhando as esperanças e as alegrias, as tristezas e as angústias dos homens, sobretudo dos pobres, procuremos oferecer estreita colaboração a todos os que buscam a transformação do mundo, segundo o desígnio de Deus” (CC 46). Esta inserção na história faz parte da nossa missão e torna-a verdadeiramente relevante. É-nos requerida, pois, uma particular atenção ao momento histórico em que vivemos. De qualquer forma, trata-se de levar a cabo uma observação, que ultrapassa a constatação de certos factos ou uma mera análise social. No religioso ou na comunidade, que se situa perante uma determinada situação humana, existe um “pathos”, que o leva a fixar os olhos naquele que sofre no contexto dessa realidade e a deixar-se questionar profundamente por ela. Nos documentos dos nossos Capítulos Gerais, insistimos na necessidade de ver a realidade “com o coração compassivo de Jesus” e “com olhos e coração missionários”, e “deixar-nos tocar pelos pobres”. As perguntas que brotam dessa realidade, contemplada à luz desse prisma, deveriam inquietar-nos de tal forma que fôssemos obrigados a atuar e a encontrar uma resposta que atenda o grito que chega com força ao nosso coração. O ministério profético parte sempre de uma

profunda comunhão com Deus e com a situação real do povo.

16. Insinuo apenas alguns aspetos que não devem permanecer indiferentes ao nosso olhar, no tocante a três pontos de referência que definem a nossa realidade.

a. A situação do mundo atual

17. Contemplamos a realidade do nosso mundo com a clara consciência de que se trata de um “mundo tão amado por Deus que Ele enviou o seu próprio Filho, não para o condenar mas para o salvar” (cf. Jo 3,16). Creio que é muito importante este ponto de partida. Deus, quando observa o mundo, o que sente é amor e compaixão, e nós não podemos contemplá-lo de outra forma. É muito importante este modo de apreciar amavelmente a realidade, porque, além de nos ajudar a descobrir os sinais da presença do Espírito de Deus nela, incita-nos a identificar, no seu seio, os traços que manifestam uma resposta a este amor que Deus derramou sobre a mesma, e outros que, pelo contrário, revelam uma recusa desse amor e que, por isso, constituem fonte de sofrimento e de morte. Observamos a realidade, a partir da fé, o que não significa, de modo algum, que queiramos distorcer o que vemos ou não ter em conta o que nos dizem as inúmeras análises científicas, que existem.
18. Precisamente, porque observamos a realidade, à luz da fé, incomoda-nos e questiona-nos, com grande veemência, tudo o que atenta contra a vida e a dignidade das pessoas e dos povos. Trata-se de pessoas amadas

por Deus, chamadas a viver em clima de fraternidade e a cuidar do dom precioso da Criação, que o mesmo Deus colocou nas suas mãos.

19. Alegra-nos o facto de ver que, no nosso mundo, há muitas pessoas e grupos que vivem com uma consciência muito profunda da dignidade de todos os seres humanos e não transigem nos esforços para garantir o respeito por cada um e a paz entre os povos. Neles descobrimos a ação do Espírito de Deus, que orienta a história, e sentimo-nos chamados a colocar-nos, juntamente com eles, ao serviço do projeto de Deus para os seus filhos. Este chamamento à “missão partilhada”, para além do âmbito eclesial, é um elemento extremamente aglutinador da nossa vocação missionária. Deus fala-nos e chama-nos, através deles.
20. Observamos, igualmente, que há muitas circunstâncias e situações, no mundo de hoje, que rompem a harmonia que Deus estabeleceu na Criação, e que estamos chamados a restabelecer, como exigência da fé que professamos.
21. As situações de violência, pobreza e opressão que conhecemos, seja a nível pessoal, seja através dos meios de comunicação social, preocupam-nos profundamente. Frequentemente trata-se de situações que nos estão próximas, de pessoas com um rosto conhecido, cujos nomes trazemos gravados nos nossos corações. Os seus sofrimentos e lutas estão presentes na nossa oração e convertem-se em problemas inquietantes que questionam a nossa vida, a das nossas comunidades e os nossos projetos apostólicos. Interrogamo-nos se as

nossas vidas são verdadeiramente parábolas da misericórdia de Deus e do seu amor pelos excluídos. Os gritos destas pessoas chegam-nos aos ouvidos e ao coração, com força suficiente para provocar em nós uma resposta decidida e generosa, que ultrapasse os meros pronunciamentos? Sentimos a dor causada por esta falta de harmonia, que se opõe ao plano de Deus?

22. Existem também outros traços da situação do nosso mundo, que afetam profundamente a nossa vida e a projeção missionária da Congregação. Cito alguns: a globalização, a consciência hodierna que temos acerca do pluralismo cultural e religioso, o processo crescente de secularização, o desenvolvimento dos sistemas de comunicação, o papel central que a economia exerce sobre as decisões que dizem respeito ao âmbito da vida privada e pública, a diversidade de modelos familiares, a influência progressiva dos grupos emergentes de uma grande diversidade de tendências, etc. Em todas estas áreas, existem aspetos positivos e outros que assumimos como ameaça à integridade da vida e da dignidade das pessoas. Fazemos parte deste mundo, e a sua realidade provoca novas preocupações e conduz-nos a novas paisagens culturais, em que é difícil definir o lugar que dentro delas nos cabe. Tudo isso deve encontrar ressonância no nosso itinerário capitular, que visa discernir os apelos que Deus nos lança hoje e o modo de dar resposta aos mesmos, a partir do nosso carisma missionário.
23. Tudo isso decorre num contexto marcado por uma certa cultura “light”, que parece não se preocupar muito com os princípios fundamentais que dão senti-

do à vida e regem a convivência entre os povos, mas sim com um bem-estar que, por se limitar apenas à situação atual e ao futuro imediato, não é capaz de se mostrar verdadeiramente solidário. Como evidenciar, neste contexto cultural, a experiência de fé, que tem a ver, precisamente, com o que há de mais profundo na pessoa e que se dirige ao íntimo do coração?

24. Se o Capítulo tem de definir como manifestar no momento presente o nosso carisma, o primeiro passo a dar será tomar consciência deste “hoje”. O nosso mundo necessita de esperança, e estamos chamados precisamente a ser portadores dessa virtude.

b. O momento eclesial

25. A Igreja, após a celebração do Sínodo sobre a Nova Evangelização, que decorreu sob a orientação do Papa Francisco, anda à procura de novos caminhos. Todos nos animamos, ao ouvir as palavras e observar os gestos do Papa Francisco. Queremos pôr em prática os seus repetidos apelos à simplicidade, à honestidade e ao compromisso missionário. Dói-nos descobrir as resistências que se fazem sentir no seio da Igreja, mas simultaneamente damo-nos conta de que também em nós os apegos e os interesses pessoais neutralizam, com frequência, o entusiasmo que despertam as palavras e o exemplo do Papa. Verificamos que nos invade sempre, e com insistência, a tentação daquilo que o Sumo Pontífice denuncia através da palavra “mundanidade”, e que penetrou excessivamente na Igreja e também na vida consagrada.

26. Fomos convidados insistentemente a entrar nos “novos areópagos”, para dar testemunho, precisamente aí, do Evangelho. A época pós-conciliar foi um tempo de visível criatividade pastoral e de grande generosidade missionária. A criatividade pressupõe muita atenção aos sinais dos tempos e à ação do Espírito, na história. Por isso, exige profunda espiritualidade e generosa disponibilidade para assumir os novos desafios e encontrar respostas que sejam verdadeiramente significativas e eficazes. Às vezes, é a nossa própria falta de consistência espiritual e o medo à renúncia que dificultam uma resposta missionária mais audaz e generosa. Preferimos descansar nas nossas seguranças pessoais, corporativas ou sociais.
27. Caminhamos, inseridos nas nossas igrejas continentais e particulares, que procuram desenvolver uma atividade relevante na vida dos povos que atendemos. Sintonizar com as igrejas locais vai-nos ajudar a definir melhor o contributo carismático que nos toca fornecer ao seu projeto evangelizador. A experiência das diversas igrejas continentais é de uma riqueza imensa, e pode e deve animar-nos a não retroceder na procura e aplicação de projetos evangelizadores verdadeiramente significativos para o homem de hoje.
28. Verificamos também que, na Igreja, existem sinais de retrocesso e de que alguns, com uma visão errada da missão, parecem andar mais preocupados em manter espaços de prestígio e de poder do que em colocar-se gratuitamente ao serviço do anúncio do Evangelho do Reino. É também evidente que, com demasiada frequência, se pretende sacrificar o carisma da vida con-

sagrada ou dos diversos Institutos, ao serviço de uma disciplina eclesiástica que não favorece, certamente, um crescimento harmónico da comunidade eclesial nem um desenvolvimento dinâmico da sua missão.

29. Por outro lado, não podemos fechar os olhos aos escândalos provocados por condutas impróprias daqueles que estão chamados a prestar um serviço condigno à comunidade cristã. E não me refiro só a comportamentos inconvenientes no tocante à matéria sexual, tão propalados pelos meios de comunicação social, mas também a todos os que se inspiram em critérios dissonantes do Evangelho e que demonstram interesses que não têm nada a ver com a missão que o Senhor confiou à sua Igreja. Infelizmente, também nós não estamos livres destas pechas.
30. Tudo isto é um facto e, por isso, é necessário proceder a um exame crítico da situação eclesial, embora orientado sempre pelo amor e pelo respeito. Amamos profundamente a Igreja e nela queremos desempenhar, a exemplo do P. Fundador, o papel de instrumentos de renovação e de dinamismo missionário.

c. A nossa Congregação, hoje

31. A Congregação é o sujeito da missão que nos foi confiada, em que cada um participa, de acordo com o dom que recebeu. Todos somos corresponsáveis da missão congregacional. É, por isso, deveras importante tomar consciência do estado de saúde da Congregação e da situação que atravessa, nas diversas partes do mundo.

32. Uma primeira constatação, que se repete há já alguns anos, é a mudança profunda na geografia humana do nosso Instituto. É um motivo de contentamento, porque subentende um enriquecimento do património cultural e espiritual da Congregação, graças à entrada de novas tradições e sensibilidades culturais e eclesiais. Mas pressupõe, por outro lado, um desafio ousado, uma vez que exige lucidez e empenho, a fim de manter a fidelidade ao carisma, e harmonia na multiplicidade de expressões com que se pode revestir. Isto é fundamental, porque o carisma constitui a nossa razão de ser na Igreja. Permiti-me partilhar algumas preocupações, que não podemos deixar de ter presentes, quando nos dispomos a dar início ao itinerário capitular.
33. Constato, em bastantes claretianos das novas zonas de presença congregacional, ainda que não só nesses locais, uma preocupante falta de interesse e de empenhamento por conhecer a fundo o património da Congregação. Está a levar-se a cabo um esforço notável para preparar os formadores, em questões mais propriamente relacionadas com a espiritualidade, o carisma missionário do P. Fundador e a história congregacional, mas não constato uma correspondente atitude a este esforço, em iniciativas que, neste sentido, deveriam ser tomadas por cada uma das Províncias e Delegações da Congregação. Preocupamo-nos com o imediato, e é normal, mas isso não deveria constituir obstáculo para desenvolver um conhecimento mais profundo do carisma do nosso P. Fundador e da forma como este se foi plasmando ao longo da história

congregacional. Estou certo de que isso constituiria uma inexaurível fonte de criatividade missionária e de coesão comunitária, elementos que nos fazem imensa falta nesta fase da nossa história. Através de um trabalho intenso no campo das traduções, facilitou-se o acesso às fontes carismáticas, nas principais línguas da Congregação, mas não observo similar interesse em conhecer todo este rico património da nossa família. Há inclusivamente claretianos, com importantes responsabilidades congregacionais, que padecem desta falta de conhecimento, que lhes seria imensamente útil para servir melhor os seus irmãos. O mesmo se pode afirmar a respeito do interesse por conhecer as orientações, que se fornecem através das cartas circulares do Superior Geral e de outros documentos congregacionais, para consolidar a vida missionária de cada um dos claretianos, das comunidades e o exercício das atividades apostólicas. São indicadores que nos alertam para a necessidade de uma ação mais incisiva, por parte dos Superiores Maiores, nas suas respetivas Províncias e Delegações.

34. Outro aspeto importante, relacionado com o anterior, é a preocupação respeitante ao sentido de pertença à Congregação. É verdade que podemos falar de um sentido de pertença afetivo ao Instituto, mas não é o mesmo que a adesão cordial à Congregação de que deram provas os nossos irmãos mártires e tantos outros missionários, e que considero imprescindível para manter viva a comunhão que deve alimentar a missão congregacional, no mundo de hoje. Não devemos esquecê-la, no processo de discernimento ca-

pitular. O Concílio solicitou um regresso às fontes carismáticas de cada Instituto, e a Igreja pede-nos, hoje, “fidelidade criativa”. Devemos repensar, com assaz profundidade, o sentido destas expressões.

35. Tudo isto está ligado à preocupação com a questão da identidade, que orientou a reflexão do anterior Capítulo Geral. Aparece como elemento central no documento “*Homens que ardem em caridade*”, que recolhe o discernimento que a Congregação fez há cinco anos, no XXIV Capítulo Geral. Somos “missionários”. O número 26 do Diretório apresenta-nos um excelente retrato dessa identidade: “*A palavra “missionário”, entendida a partir da experiência espiritual de Santo António Maria Claret, define a nossa identidade carismática. O título de «Missionário Apostólico», que ele recebeu, sintetiza o seu ideal de vida, ao estilo dos Apóstolos. Esta forma de viver implica ser discípulo e seguir o Mestre, viver os conselhos evangélicos em comunidade de vida com Jesus e com o grupo dos chamados, ser enviado e anunciar a todo o mundo a Boa Nova do Reino. A unção do Espírito para anunciar a Boa Nova e a comunhão com Cristo, o profeta por excelência, tornam-nos participantes da sua função profética*”.
36. O tema da identidade, como modo de viver hoje a nossa vocação missionária, continua a revestir-se de grande atualidade, no hoje congregacional. Não podemos pô-lo de lado, na análise que estamos a fazer. O esforço levado a cabo com o projeto “a Frágua na vida quotidiana” tem precisamente esse objetivo.

37. Conjuntamente com este tema, descobrimos a necessidade de reforçar a experiência da vida fraterna na comunidade. Nalguns casos, a comunidade passou a ocupar um lugar marginal na escala de valores de certos claretianos. Deste modo, o compromisso com o projeto de vida da comunidade debilita-se e cai-se na tentação de abandonar algo que já não se assume como parte importante da própria vida, ou de o relegar para um lugar secundário, no elenco dos múltiplos aspetos da nossa vida. Contudo, a comunidade é o local onde aprendemos o que significa fazer parte do grupo dos discípulos de Jesus e onde discernimos as nossas opções e atividades, através das quais manifestamos o nosso carisma missionário. A comunidade humaniza-nos e prepara-nos para nos mantermos próximos das pessoas, especialmente daqueles que necessitam de sentir o calor de uma presença que os ajude a viver com esperança. Na comunidade, somos chamados a viver o mistério do amor, que é o coração da mensagem cristã. A nossa vida fraterna - repetimo-lo muitas vezes - é a nossa primeira palavra missionária.
38. Não gostaria que interpretásseis estas observações, como se estivesse a fomentar uma certa tendência à “autorreferencialidade” (a estarmos voltados sobre nós mesmos e sobre os nossos problemas). Não se trata disso, mas de algo de carácter totalmente contrário. Sem um sentido profundo da identidade, não seremos capazes de oferecer à Igreja e ao mundo o serviço específico para o qual o Senhor suscitou o nosso Instituto. A missão foi, é e continuará a ser a preocupação fundamental, que suscita estas inquietações, porque

não queremos que o nosso compromisso se desvirtue ou perca intensidade.

39. Estamos a levar a cabo um processo de esclarecimento sobre o estilo do contributo dado por nós à missão da Igreja. Creio que a iniciativa, que a Prefeitura Geral de Apostolado promoveu neste sentido, nos está a ajudar. Eu mesmo procurei insistir neste ponto, através da carta circular “Missionários”, enviada há pouco mais de um ano. Dou-me conta de uma excessiva dispersão de apostolados, que foram surgindo, com excessiva frequência, sem um discernimento suficientemente profundo e sereno. Por vezes, foram-se multiplicando pouco a pouco algumas presenças, ou porque assim o solicitou algum Bispo, como foi o caso de certas paróquias, ou porque não houve capacidade de estabelecer processos sérios de reflexão, tendo em vista a projeção missionária de determinado Organismo. Por outro lado, deveremos trazer aqui à colação o tema da disponibilidade missionária, que é considerado fundamental, quando se trata de discernir as opções e as atividades apostólicas da Congregação e de cada Organismo. Manter a Congregação disponível para a missão universal da Igreja é uma obrigação que diz respeito a todos. A norma que o Diretório aponta para as novas fundações e supressões das presenças tem este objetivo e, por isso, é indispensável ater-se a ela.
40. Verifico igualmente uma certa fragilidade na maioria dos processos formativos. Custa dar a importância devida ao acompanhamento pessoal dos formandos, mas este é o aspeto mais relevante do processo forma-

tivo. Há um esforço para superar as diversas etapas da formação, mas tem-se quase só, como ponto de referência primordial, o programa acadêmico. Nalguns lugares, na prática, está-se a conceder mais importância à disciplina - sempre importante, certamente - que à personalização dos conteúdos formativos. Uma boa formação exige uma presença próxima dos formadores, que é muito difícil de manter quando o número de formandos é excessivo ou quando o responsável pela formação tem de desempenhar múltiplas responsabilidades. Juntamente com este problema, deve-se pensar na importância capital de que se reveste o que poderíamos chamar de “cultura provincial”, ou seja, um estilo de vida que ajude, na Província ou Delegação e em cada uma das suas comunidades, a respirar os valores que, durante o período formativo, foram considerados essenciais para viver com coerência a resposta vocacional. Este “clima” ou “cultura” provincial é também fundamental no planeamento da pastoral vocacional. A nossa vida resultará atraente para aqueles que procuram um seguimento mais radical de Jesus e uma experiência de fraternidade inspirada verdadeiramente no Evangelho? Que ressonância encontram, no coração dos jovens, os nossos compromissos missionários?

41. Durante estes anos, tentámos liderar os processos de reorganização congregacional, tal como nos exigiu o Capítulo Geral anterior. Será um dos aspetos da vida da Congregação que teremos que avaliar durante o próximo Capítulo. Estamos ainda a trabalhar na definição da reorganização congregacional na Europa, uma vez

que esta apresenta dificuldades específicas, devido às diferenças culturais, bem como à idade avançada da maioria dos claretianos que residem nesse continente. De qualquer forma, sabemos que há que continuar em frente, se queremos manter a vitalidade missionária da Congregação na Europa.

42. Todos estes temas adquirem carácter de urgência na vida congregacional. Quero sublinhar, finalmente, um ponto que me parece essencial. Trata-se de uma percepção que possuo, e que partilhei repetidamente, tanto no seio do Governo Geral como com outros Superiores Gerais, de uma certa falta de profundidade, na vida de muitos de nós. Talvez tenha algo a ver com essa característica da cultura atual, que definimos com a palavra “light”. Penso, sinceramente, que adoecemos, com frequência, da falta de profundidade. É algo que contagia a nossa intimidade com Deus, as relações interpessoais e a dimensão apostólica. Julgo que vale a pena refletir sobre este assunto e ver como o incluir no itinerário da celebração do Capítulo. Sem profundidade, não conseguimos ser missionários, hoje.
43. Temos de ter presente a realidade congregacional, tanto a nível dos dons com que o Senhor nos agraciou, como a nível das deficiências na resposta que damos da nossa parte. Tivemos êxitos e experimentámos fracassos. Continuamos a ter sonhos, que necessitam de consistência pessoal e comunitária, para se tornarem realidade e poderem, deste modo, converter-se em projetos que anunciem, no mundo hodierno, a alegria do Evangelho. Partilhemos tudo isto com os irmãos e

façamos chegar o fruto da nossa reflexão à comissão, que vai preparar o documento de trabalho para o próximo Capítulo Geral. Prestaremos, assim, uma ajuda importante a todos.

O CAPÍTULO E O “ANO DA VIDA CONSAGRADA”

44. O próximo Capítulo Geral terá lugar durante a celebração do “ano da vida consagrada”. É uma bela coincidência, que nos vai estimular a elaborar um discernimento mais atento dos caminhos que o Senhor hoje nos aponta. O “ano da vida consagrada” será uma ocasião propícia para agradecer este dom com que o Senhor embeleza a sua Igreja, celebrar com todo o Povo de Deus a vida daqueles que foram chamados a viver este tipo de vocação, dar a conhecer a todos a realidade da vida consagrada e partilhar a nossa experiência, renovar o compromisso de todos os religiosos em seguir fielmente a Jesus e fazer do serviço à Igreja e à humanidade o objetivo da nossa vida.
45. É um ano que nasce sob o signo da “alegria”. Tanto a exortação apostólica do Papa Francisco como o documento programático da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica se centram à volta desta mensagem: *Anunciar, jubilosos, a alegria do Evangelho*.
46. Parece um tanto paradoxal o apelo à alegria que o documento “*Alegrai-vos*” da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada preconiza, quando, com

demasiada frequência, nos angustiam as situações por que estamos a passar. Nalguns lugares, sentimo-nos um tanto desanimados com a falta de vocações, que coloca em risco a nossa própria subsistência e a continuidade de tantas obras que estamos a orientar. Outras vezes, a preocupação gira à volta da consistência vocacional e da consolidação carismática e apostólica da vida consagrada, em zonas de presença mais recente, que estão a ser abençoadas com abundantes vocações. No meio desta realidade e de outras vicissitudes que caracterizam a situação atual das nossas Ordens e Congregações, somos convocados para fazer uma experiência gozosa: “*Alegrai-vos*”.

47. Trata-se de um tipo de *alegria*, que ultrapassa a lógica dos números e dos vários episódios que assinalam a caminhada da vida consagrada, nas diversas partes do mundo. O documento lança-nos o repto: “*Alegrai-vos*”, pois trata-se de uma alegria que tem por base uma profunda experiência de Deus, e surge da amizade com Jesus e do facto de fazermos parte do projeto de Deus sobre este mundo. É uma alegria que nasce, cresce e se alimenta na espiritualidade da kénosis, e que, por isso, sabe descobrir o sentido do mistério da cruz e a sua capacidade de suscitar uma nova vida. É a alegria que se experimenta, quando nos sentimos em comunhão com a Igreja e com tantas pessoas que se esforçam por transformar o mundo, de acordo com os desígnios de Deus. É uma alegria que enche o coração e rasga sempre horizontes novos de esperança, na vida. O religioso sabe que nenhum sofrimento ou contrariedade lhe pode roubar essa alegria, se bem que,

nalgum instante do percurso humano, a possa sentir longínqua ou estranha. Ele sente-se nas mãos de Deus e no coração dos seus irmãos.

48. Mas é uma alegria também eivada por tentações e perigos. Quando antepomos outros interesses ao projeto de Deus, ou quando a amizade com o Senhor se vê estorvada por outros apegos que nos afastam d'Ele e da missão que nos confiou, a alegria diminui, a vocação sente-se mais como um peso do que como um dom, e o religioso torna-se incapaz de testemunhar e de anunciar o Evangelho. Somos exortados a não viver como religiosos tristes e, pior ainda, amargurados. Este tom de alegria deverá marcar o nosso Capítulo e todo o processo que a ele conduz.
49. O Papa Francisco anunciou a celebração do “ano da vida consagrada”, durante o encontro que realizou com os Superiores Gerais, no dia 29 de novembro do passado ano de 2013. Parece-me que a decisão de pormos em prática as recomendações que o Papa nos legou nesse encontro nos irá ajudar a preparar a marcha para Capítulo Geral. Vou apresentar brevemente alguns conselhos que nos deixou:
50. “*Acordai o mundo*”. Insistiu no caráter ‘alternativo’ que sempre deve ter a vida consagrada. A nossa forma de vida não deveria nunca deixar indiferentes os que entram em contacto connosco. “Sejam testemunho de uma maneira diferente de fazer, agir e viver”, dizia-nos. A capacidade de despertar o mundo exige que estejamos vigilantes, para que seja o projeto de Deus a manter ativas todas as nossas potencialidades. Sabe-

mos que somos pecadores e que, muitas vezes, são os valores deste mundo que anestesiam a nossa vida. Por isso, o Papa insistia na necessidade de viver atentos e abertos à ação do Espírito, para podermos “acordar o mundo”.

51. “*Analisai a realidade, a partir da periferia*”. O Papa sublinhava que se trata de uma questão hermenêutica. O local onde nos encontramos faz-nos compreender, de um modo diferente, a realidade e permite-nos ver tons e ângulos que passam despercebidos àqueles que não têm a valentia de se deslocarem até esse local. Porque, na periferia, sentem-se as consequências das opções tomadas e os projetos que orientamos e, lá, o sofrimento possui rostos e nomes. Nesse sítio, descobrem-se as forças que desumanizam e que há que contrariar com a força do Evangelho.
52. “*Vivei o dom da profecia*”. E prosseguia: “Não brinqueis aos profetas”, porque seria pura hipocrisia. A hipocrisia mata a mensagem. A coerência dá credibilidade ao anúncio. A profecia exprime-se através de uma vida que é “memória” da forma como viveu Jesus e “anúncio” do que está chamado a ser o Reino e as relações das pessoas e dos povos dentro dele. O Papa insistiu várias vezes nesta dimensão profética da vida consagrada, que tem consequências muito concretas na vida dos religiosos, nas suas comunidades e atividades, e que é indispensável para manter a saúde da comunidade cristã.
53. “*Mantende vivo o carisma*”. Convidou-nos a manter vivo, antes de mais, o carisma da vida consagrada,

que é “ser memória do estilo de vida de Jesus”. Insistiu nisto várias vezes, vincando que esta é a peculiaridade da vida religiosa. Recordou-nos que o que nos caracteriza é viver o Evangelho “sine glossa” (sem interpretações pessoais) e em clima de profunda alegria. Pediu igualmente que vivêssemos com fidelidade e criatividade o carisma dos nossos próprios Institutos, que enriquecem toda a Igreja e dinamizam a sua missão. “O carisma permanece e desenvolve-se; as obras e as estruturas, ainda que importantes, desaparecem”. Alertou-nos para não esquecermos esta realidade.

54. “*Cuidai da formação*”. Para alcançar tal objetivo, exortou-nos a estar sempre muito atentos à situação dos formandos, à cultura vigente e às orientações emanadas da Igreja. A formação, insistiu o Papa Francisco, é um trabalho artesanal. Há que prestar atenção a cada um dos candidatos e acompanhar o seu crescimento interior e a interiorização dos valores do Evangelho e da vida consagrada. Preveniu-nos contra uma formação excessivamente massificada, que não permite este tipo de acompanhamento pessoal e que se centra, afinal, na mera disciplina, com o perigo de encobrir motivações insuficientes ou distorcidas. Partilhou-nos a preocupação que tem com a seleção vocacional e a preocupação de, no processo formativo, se ter sempre em conta o Povo de Deus, para cujo serviço são formados os candidatos. Sublinhou a importância da existência dos quatro pilares, sobre os quais assenta o edifício da formação e que se hão de erguer simultaneamente: o espiritual, o intelectual, o comunitário e o apostólico.

55. “*Vivei a alegria da fraternidade*”. O Sínodo sobre a nova evangelização pediu aos religiosos que se tornem testemunhas da força humanizante do Evangelho, pondo em prática a vida fraterna. O Papa animou-nos a partilhar a alegria do Evangelho, no seio da comunidade. Uma comunidade feliz é atrativa e convoca novas vocações. Se alguém não é capaz de viver a fraternidade em todas as suas dimensões, reafirmava o Papa, não tem vocação para a vida religiosa. Numa fraternidade verdadeira, compreendem-se as fragilidades e superam-se os conflitos, com caridade evangélica. A fraternidade constrói-se, quando se sabe tratar os irmãos com “ternura eucarística”, sugeria o Papa.

56. “*Não tenhais medo de partir para as periferias*”. É um apelo insistente do Papa Francisco a toda a Igreja, especialmente dirigido aos religiosos. Havia-o solicitado já, no passado Sínodo sobre a Nova Evangelização, quando nos convidou a localizarmo-nos nas fronteiras sociais, geográficas e culturais da missão. Deslocar-se para a periferia requer solidez espiritual, maturidade humana e preparação intelectual. O Papa pediu aos Superiores que enviassem para as periferias pessoas bem preparadas e com um coração inflamado no amor de Deus e dos irmãos. A disponibilidade missionária é uma das características da vida consagrada e deverá continuar a sê-lo em qualquer parte do mundo, resistindo sempre às tentações da instalação e do aconchego das seguranças. O Papa fez-se eco da proposta sinodal e convidou-nos a deslocarmo-nos para as diversas periferias do mundo atual.

57. Creio que é necessário ter em conta estas indicações, nos planos do nosso Capítulo Geral. Vão ajudar-nos a aprofundar o discernimento e a obrigar-nos a fixar os olhos nas novas metas que a Igreja nos aponta.

O TEMA DO XXV CAPÍTULO GERAL

58. De 20 a 30 de janeiro, o Governo Geral levou a efeito, em Vic, um encontro com todos os Superiores Maiores da Congregação. O objetivo principal era definir o tema central do próximo Capítulo Geral. Houve oportunidade para partilhar os êxitos, as dificuldades e as esperanças de cada Organismo e da Congregação, em geral. Tentou-se discernir o que o Senhor nos pedia, neste momento concreto da nossa história congregacional. Travou-se entre todos um diálogo fraterno e sincero. Dele emergiu o tema central do XXV Capítulo Geral, que irá dar continuidade ao do anterior Capítulo, porque estamos conscientes da sua centralidade:

CHAMADOS A EVANGELIZAR
Testemunhas e mensageiros
da alegria do Evangelho

59. Foram três as motivações nucleares, que nos levaram a optar por este tema:

a. *A consciência da nossa identidade.* Somos missionários. Explanei amplamente este tema, na Carta Circular redigida há dois anos. Remeto-vos de novo para o tema da mesma. A nossa vida e os nossos projetos estão chamados a revelar essa identidade e

fazê-lo de uma forma credível e inteligível, em cada contexto cultural e em cada momento histórico.

b. *A sintonia com o momento eclesial que estamos a viver.* Abordei este assunto nesta mesma missiva. O apelo do Papa Francisco a construirmos uma Igreja que “saia de si mesma e vá ao encontro do outro” ressoa com intensidade no nosso coração missionário. A renúncia do Papa Bento XVI foi um gesto, pleno de valentia e sabedoria, que demonstrou claramente o que implica alinhar o nosso pensamento em função da missão e das suas exigências e que convida a superar toda a espécie de apegos e temores. O passado Sínodo sobre a Nova Evangelização pediu aos religiosos que vivessem em chave missionária, como testemunhas e mensageiros do Evangelho; da “alegria do Evangelho”, como afirmou o Papa Francisco.

c. *A preocupação com a humanidade e o mundo.* É esta a nossa primordial preocupação. O Papa, na sua exortação apostólica, previne-nos contra qualquer tipo de autorreferência (preocupação apenas connosco mesmos), porque ela abafa a ação do Espírito. Deus deseja que sejamos instrumentos do seu amor e portadores de esperança. Daí que nos inquiete a caminhada da humanidade, porque sentimos no coração dos nossos companheiros de jornada o desejo insaciável da verdade, da beleza, da paz, da harmonia e do bem, que o próprio Deus semeou no coração de cada ser humano e que deseja frutifique abundantemente, para bem de todos. É

este o nosso desejo: colocar-nos incondicionalmente ao serviço do projeto de Deus para os seus filhos.

60. No enunciado do tema, há alguns pontos, que gostaria de sublinhar:
- a. Verifica-se a consciência de *um chamamento*, de um olhar de Deus, cheio de amor, e da vontade de *dar uma resposta generosa ao mesmo*. A nossa vida constitui o seguimento de uma vocação, que, antes de mais, é um dom.
 - b. O título está *escrito no plural*. Estamos “chamados”. Isto coloca-nos numa perspetiva de comunidade: partilhamos o chamamento com outros que também foram chamados, e, com eles, queremos dar uma resposta conjunta.
 - c. No centro, situa-se *a missão*. Fomos chamados a “evangelizar”, encargo que, como dizia Paulo VI, “constitui a graça e a vocação da Igreja, a sua mais profunda identidade” (EN 14), que consiste em “levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade e, pelo seu influxo, transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade” (EN 18). Isso acarreta consigo implicações, em todas as dimensões da nossa vida e em todas as vertentes da nossa organização.
 - d. *Testemunhas e mensageiros*. Existe um desejo sincero de confrontar a nossa vida e as nossas palavras com a ação do Espírito e com a Palavra que nos foi confiada para ser proclamada. Sabemos que só a

coerência entre a vida e a mensagem suscita a credibilidade.

- e. E, finalmente, *a alegria*. Através dela, queremos aceitar o convite do Papa Francisco, que nos anima a ser portadores da esperança. É, simultaneamente, um convite para vivermos em clima de júbilo a nossa vocação.
61. Sentimo-nos chamados a integrar-nos, generosa e plenamente, no projeto da Nova Evangelização, a que nos convoca hoje a Igreja. E pretendemos fazê-lo “como claretianos”, aportando aquilo que o Senhor nos outorgou, pela via do carisma da nossa Congregação. Daí que sintamos a necessidade de definir, com maior clareza, os traços que deveriam caracterizar hoje o estilo claretiano de evangelizar. Refleti sobre este assunto, na circular que tinha por título “Missionários” e a que me referi anteriormente. Será bom tê-la em consideração, no processo de preparação do Capítulo. Por outro lado, a Prefeitura Geral de Apostolado tem vindo a desenvolver, a partir de um seminário sobre a teologia da missão, celebrado em Colmenar Viejo (Espanha), e através de encontros continentais, um interessante processo de reflexão sobre este tema. Esta contribuição vai ajudar-nos na reflexão capitular. O processo de renovação carismática “A Frágua na vida quotidiana”, que seguimos durante estes anos, preparou-nos também para este discernimento.
62. Neste instante da história congregacional, parece-me oportuno que reflitamos sobre o nosso estilo missionário, que passa para além das atividades apostólicas,

porque toca cada uma das dimensões da nossa vida. As Constituições renovadas ofereceram-nos uma leitura sugestiva do carisma, que Deus suscitou na Igreja através de Santo António M. Claret, e indicaram-nos um caminho seguro para o viver e o fazer portador de vida para a Igreja e para o mundo. O documento a “Missão do Claretiano hoje”, do XIX Capítulo Geral, mostrou-nos um admirável horizonte missionário que os Capítulos Gerais posteriores e o magistério congregacional desenvolveram, ao longo destes anos.

63. Passaram mais de trinta anos sobre a data daquele Capítulo Geral. A Congregação mudou substancialmente o rosto da sua geografia humana, e as presenças missionárias multiplicaram-se, tanto a nível geográfico como temático. O mundo sofreu mudanças radicais e a Igreja continuou à busca de novos caminhos para proclamar a Boa Nova do Reino. Convém, pois, retomar a consciência da nossa identidade missionária e discernir o que ela nos pede, nestes novos contextos. Trata-se de explicitar as características que farão da nossa vida, das nossas comunidades e das nossas atividades apostólicas instrumentos válidos de evangelização, na sequência do carisma missionário que recebemos. Que significa e que exige hoje ser “servidores da Palavra” e “missionários do Reino”?
64. Este exercício é igualmente importante, para ajudar os Organismos que hão de redefinir as suas posições apostólicas, devido à diminuição notável de pessoal, reduzindo-as ou criando outras que lhes permitam manter o dinamismo missionário. E é-o também, com

muito maior razão, para aqueles Organismos que experimentam um crescimento de pessoal e que devem selecionar os novos lugares de presença missionária e as modalidades correspondentes. Os processos de discernimento sérios necessitam de critérios sólidos, que garantam, em cada lugar e de acordo com as características próprias do contexto em que estamos chamados a evangelizar, a fidelidade ao carisma que recebemos, como religiosos e como claretianos, para bem da Igreja e do mundo.

65. Este será o tema em que vai convergir a reflexão capitular. A partir dele, queremos refletir também sobre três pontos da vida congregacional, que apareceram repetidamente na reunião do Governo Geral com os Superiores Maiores da Congregação: a comunidade, a formação e a colaboração dentro da Congregação. É importante, contudo, manter claramente a perspetiva que vai presidir à abordagem dos referidos temas:
 - a. *A comunidade*, como sujeito da missão e parábola da mensagem que anunciamos. Vimos que o individualismo, doença típica do nosso tempo, nos faz perder o sentido comunitário e debilita o papel fundamental da comunidade, como sujeito da missão. Por outro lado, uma comunidade que viva os valores que proclama é essencial, numa época em que se valoriza especialmente o testemunho. Dissemos repetidamente que a “vida fraterna é o primeiro facto da missão” (EMP 24).
 - b. *A formação*, como processo que prepare e capacite para viver, com audácia e generosidade, as exigên-

cias da missão, tal como a entendemos hoje, e a vivê-las na comunidade e a partir da mesma.

c. *A coordenação* dos recursos do pessoal e da economia da Congregação, para um melhor serviço missionário no mundo de hoje, a fim de atender melhor as necessidades da Igreja.

65. Todos estes itens são importantes, pois respondem às preocupações expressas pelos Superiores Maiores e foram auscultados igualmente pelo Governo Geral. Insisto, contudo, em encararmos estes temas numa perspectiva da missão, pois ela explica a nossa vida e fornece-nos as pautas para a nossa organização.

O PROCESSO PARA O CAPÍTULO

66. É importante, pois, pôr-se a caminho. **Através desta carta, anuncio oficialmente a celebração do XXV Capítulo Geral da Congregação, que terá lugar em Roma, a partir do dia 24 de agosto de 2015.** Como sublinhei ao longo desta comunicação, é importante a participação ativa de todos na caminhada do discernimento capitular. Apresento-vos, em seguida, algumas indicações, para ajudar a fomentar a participação de todos. Seguem-se quatro perguntas, sobre as quais solicito três coisas.

a. *Reflexão pessoal*, que há de incluir a oração e o regresso às fontes do nosso projeto de vida:

o Evangelho e as Constituições. Uma reflexão, que não pode deixar de lado os estímulos e indicações que provêm do magistério eclesial e congregacional, e as interpelações que chegam, com veemência, da situação das pessoas, com quem partilhamos a vida.

b. *Diálogo na comunidade*, que vai alargar o horizonte pessoal e permitir o discernimento, com maior veracidade, da vontade de Deus sobre nós.

c. *Contribuição da comunidade para o relatório que a vossa Província ou Delegação vai enviar.* Cada Organismo remeterá à Secretaria Geral as suas sugestões em benefício do tema capitular, para que possamos preparar um documento de trabalho que acolha a riqueza da reflexão de todos os claretianos.

66. Animo-vos também a criar espaços de reflexão com os leigos, com quem partilhais a tarefa evangelizadora. O seu contributo será muito importante. Na reunião com os Superiores Maiores falou-se sobre a conveniência da sua participação na aula capitular. Pareceu à maioria que seria muito mais efetiva a sua participação na fase provincial de preparação do Capítulo, sem excluir que alguns possam ser convidados a iluminar a reflexão do Capítulo, durante a sua celebração em Roma.

67. A seguir, indico-vos as perguntas para reflexão pessoal e comunitária. Referem-se, obviamente, ao tema capitular e aos outros três aspetos que queremos examinar, tendo em conta esta perspectiva:

1. *Quais devem ser os traços específicos do estilo claretiano de evangelização, na missão da Igreja, hoje?*
2. *Como fazer com que a comunidade claretiana seja verdadeiramente o sujeito da missão e se converta em anúncio da força humanizadora do Evangelho?*
3. *Que elementos deveríamos acentuar nos processos formativos, para podermos viver com maior coerência as exigências da missão?*
 - a. *No processo de formação inicial*
 - b. *Na formação contínua*
4. *Como podemos coordenar mais corretamente os recursos congregacionais de pessoal e economia, a fim de melhorarmos o nosso serviço missionário, no momento atual?*

70. E, finalmente, apresento-vos *o calendário* da preparação do Capítulo. Ireis receber da Secretaria Geral indicações mais concretas sobre algumas das atividades indicadas:

ANO 2104

16 de julho: Carta do anúncio do Capítulo Geral, que se enviará a toda a Congregação, juntamente com outros materiais para a preparação do Capítulo.

10 de outubro: Fecho das listas dos membros dos Organismos, para determinar o número de delegados que corresponde eleger a cada um deles.

20 de outubro: Nomeação dos membros da comissão pré-capitular, e envio do guião para a elaboração das Memórias.

24 de outubro: Início do período de eleição dos delegados dos Organismos.

ANO 2015

1 de março: Conclusão do período de eleição dos delegados ao Capítulo.

5-10 de março: Reunião do Governo Geral, para designar os delegados que lhe corresponde nomear, de acordo com a decisão do XXIV Capítulo Geral.

19 de março: Carta convocatória do XXV Capítulo Geral.

1 de abril: Data limite para o envio à Secretaria Geral das Memórias e sugestões relativas ao tema capitular.

22-30 de abril: Reunião da comissão pré-capitular.

15 de maio: Envio aos capitulares e às comunidades do *instrumento de trabalho* do Capítulo.

1 de junho: Reunião do Governo Geral para aprovar as Memórias de governo e de economia, a apresentar ao Capítulo.

24 de agosto: Início do XXV Capítulo Geral

71. A caminhada para o Capítulo é um itinerário espiritual. Quero depô-lo nas mãos e, sobretudo, no Coração da nossa Mãe. O seu “Magnificat” vai acompanhar-nos neste percurso. Com Ela, desejamos aprender a descobrir as maravilhas que Deus opera nos seus servos e encher-nos da esperança inquebrantável que brota da confiança absoluta no amor do Pai e nas suas promessas. Com Ela, vamos contemplar a realidade do mundo, para nos deixarmos interrogar pelas suas inquietações e nos comprometermos a colaborar na sua transformação, segundo o desígnio de Deus para os seus filhos.
72. Não deixemos de ter em conta o testemunho do nosso Padre Fundador, que viveu com paixão a sua vocação missionária, e o dos nossos Mártires, que reforçaram, com o seu sangue, o compromisso de viver somente para Deus e para o anúncio do Evangelho. Espero que o caminho capitular seja para cada um de nós um momento de crescimento vocacional e de fortalecimento da nossa adesão cordial ao projeto missionário da Congregação.

Roma, 16 de julho de 2104

165º aniversário da fundação da Congregação

JOSEP M. ABELLA, cmf.
Superior Geral